

Para quê tanta maluquice? A (des)esperança por novos rumos da mudança climática

Sílvia Laine Borges Lúcio*

**Mestre, em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS-UnB); pesquisadora colaboradora do CDS-UnB, vinculada ao projeto Rede Clima (Sub-rede Mudança Climática e Desenvolvimento Regional), Universidade de Brasília. Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A - Av. L3 Norte, Asa Norte - CEP: 70.904-970. Email: silvialainebio@gmail.com*

Recebido em 01.12.2014
Aceito em 08.02.2015

RESENHA

Genebaldo Freire Dias. *Mudança Climática e você: cenários, desafios, governança, oportunidades, cinismos e maluquices*. São Paulo: Gaia, 2014. 267p. Bibliografia e índice. ISBN 978-85-7555-341-1. R\$ 49,00.

Genebaldo Freire Dias é bacharel em ciências biológicas, mestre e doutor em ecologia pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professor e pesquisador da Universidade Católica de Brasília (UCB). Além da atuação acadêmica, Dias foi diretor da área de Controle de Poluição no Governo do Distrito Federal e coordenador de Avaliação de Impacto Ambiental para o governo federal. Foi Secretário de Ecossistemas da Secretaria Especial de Meio Ambiente, chefe do Departamento de Educação Ambiental do IBAMA, diretor do Parque Nacional de Brasília e coordenador do Núcleo de Educação Ambiental do Prevfogo-IBAMA. Publicou 19 livros, dentre os quais se destacam Educação Ambiental: princípios e práticas (Gaia, 1993), Pegada Ecológica e sustentabilidade humana (Gaia, 2007), importantes referências na literatura nacional.

Em *Mudança Climática e você: cenários, desafios, governança, oportunidades, cinismos e maluquices*, o autor faz uma análise crítica e abrangente sobre a situação da mudança climática no Brasil e no mundo. O livro é dividido em duas partes - Parte I e Parte II – subdivididas em itens e subitens. Na primeira parte Dias apresenta um resumo comentado dos principais relatórios e documentos publicados sobre mudança climática. Na segunda parte busca associar os fatores de (des)governança com a falta de mudança de comportamento da sociedade, que impedem a mudança para um caminho mais ecológico e sustentável. Ao longo do texto, o autor “conversa” com um ar ora descontraído, ora indignado, como se tentasse “chacoalhar” o leitor.

Na introdução Dias comenta que ao longo da história, o fim do mundo é anunciado em diversas publicações: na Bíblia (apocalipse), em profecias como a de Nostradamus, nas intempéries do calendário Maia, nos estudos sobre alinhamento dos planetas, entre outros. O autor lista também algumas obras contemporâneas que retratam o fim do mundo e mudanças climáticas, principalmente em filmes, documentários e animações. Em um segundo momento o autor apresenta uma narrativa baseada em comentários críticos sobre uma importante série de documentos sobre mudança climática, por exemplo: Adaptação à mudança climática e gestão de risco (IPCC, 2011); Relatório Planeta Vivo (WWF, 2008); os diversos relatórios sobre Mudança climática do IPCC; Índice de Vulnerabilidade Ambiental (2006); Estudo de Vulnerabilidade, Impactos e Adaptações no Brasil (2006); O Relatório Stern (2006); A Avaliação do Greenpeace no Brasil (2006); Avaliação Ecosistêmica do Milênio(2005).

No item 3, que trata sobre relatório Adaptação à mudança climática e gestão de risco (2011), o autor afirma que o Brasil não tem uma cultura de análise de risco, muito menos de gestão de risco. Dias associa isto ao fato de que as pessoas, vítimas de políticos despreparados, elegem os seus representantes que “do alto das suas incapacidades perceptivas, até mesmo, em sua maior parte, impedida pela dilacerante ignorância e robustez primitiva [sic] dos seus dotes intelectuais mínimos, não prestam alguma atenção à questão” (p .35). Salienta a importância da adoção imediata de gestão de risco.

O Relatório Planeta Vivo (2008), comentado no item 4, afirma que a crise financeira mundial é um alerta grave para sobre os padrões de consumo insustentáveis. O documento compara os conceitos de pegada ecológica e de biocapacidade do planeta, além registrar os impactos do consumo humano sobre os recursos hídricos global e a vulnerabilidade da sociedade à escassez de água em muitas regiões.

O item 5 é dedicado aos Relatórios sobre mudança climática do IPCC. De acordo com Dias, no início publicação dos relatórios, a sociedade não lhes dava a devida importância. Completa: “apesar da indiferença dos setores governamentais e empresariais, a mídia – diria santa mídia salvadora – percebeu a merda na cabeça das corporações e colocou a boca no trombone” (p. 47). No entanto, o autor não tece uma crítica pelo fato de que esta mesma mídia escancarou violentas críticas ao IPCC, que em 2009 foi alvo de ataques, com consequente enfraquecimento do tema junto à opinião pública.

Para o autor, os relatórios vão apresentando resultados mais consistentes de maneira gradual. No relatório Mudança do Clima 2007: A base das ciências físicas (França) afirmava-se, ser muito provável (90%) que o aumento da concentração de CO² na atmosfera seja causado pelas atividades antrópicas. Já no relatório Mudança do Clima 2007: impactos, adaptação e vulnerabilidade (Bélgica) o autor salienta que a mídia internacional não deu muito destaque a esse segundo relatório, justamente o que trazia evidências mais graves da mudança do clima (mudanças nos sistemas biológicos, por exemplo). Mais uma vez o autor perde a oportunidade de criticar a mídia que, outrora atuante e “inquieta”, não deu visibilidade necessária a resultados importantes. O relatório Mudança do Clima 2007: mitigação (Tailândia) o autor reforça que até o presente momento os esforços empenhados para gerar mudanças significativas de mitigação aos impactos da mudança climática ainda são insuficientes. Já no quinto relatório (2013-2014) apresenta modelos climáticos mais evoluídos, que conferem mais precisão dos cenários, e conclui: “a coisa é mais grave do que se imaginava” (p.103).

No subitem “Mordaças do IPCC” o autor sugere que os países que dependem economicamente da produção de combustíveis fósseis – China, EUA, e os países do Oriente Médio – tendem a influenciar indevidamente os debates sobre o tema das mudanças climáticas, pois questionam o uso de certas palavras e expressões com que não concordam, com a finalidade de suavizar as declarações.

O item 6 o autor apresenta o The Environmental Vulnerability Index (2006), publicado pelo Columbia University's Center for International Earth Science. Trata-se de um ranqueamento dos países mais preparados para enfrentar a mudança do clima. Para o autor, países com baixa governança não apresentam capacidade de promover o processo de adaptação em curto ou médio prazo.

O Estudo de vulnerabilidade, impactos e adaptação no Brasil (2005) é apresentado no item 7. O documento contém avaliações diagnósticas prospectivas dos impactos relativos a mudança climática. Para o autor, os países em desenvolvimento são os mais vulneráveis, em função de sua história e dos seus modelos de ocupação. No entanto, certos países da América Latina estão um pouco mais adiantados que o Brasil quanto ao conhecimento sobre as suas vulnerabilidades às mudanças climáticas.

No item 8 o autor discorre sobre O estudo Stern: aspectos econômicos das mudanças climáticas globais (2006). O texto de Stern faz um exame detalhado dos impactos econômicos decorrentes das mudanças climáticas globais. Segundo Dias, não se trata de “ecoterrorismo midiático”, mas o fato é que não há possibilidade de manter uma economia saudável na presença de problemas ambientais graves. O atual modelo de desenvolvimento atende um seletivo grupo, enquanto uma maioria sofre as consequências dos abusos feitos pelos interesses desse grupo seletivo.

No item 9 Dias discute o documento Economia da mudança climática do Brasil: custos e oportunidades (2010). Este estudo utilizou como horizonte de simulação o ano de 2050 e trata sobre a influência da mudança climática na agenda de desenvolvimento do Brasil.

A avaliação do greenpeace no Brasil (2006) – item 10 - abordou os impactos regionais da mudança climática para a Amazônia, Semiárido, Zona Costeira e o Sul, incluindo observações sobre agricultura, recursos hídricos, grandes cidades e a saúde. O autor salienta que a adoção de novos padrões de consumo vem sendo apregoado há muito tempo; no entanto, afirma que o consumismo se transformou em uma “estrutura cultural visceral” de difícil modificação.

No item 11, Dias aborda a Avaliação ecossistêmica do milênio (2005), que teve como foco as ligações entre os ecossistemas (em particular os serviços ecossistêmicos) e o bem estar humano. Para ele, a maior parte do enfrentamento desses desafios vai depender da saúde da governança internacional, nacional e local.

Dias atribui a incapacidade de governança internacional à fragmentação da governança ambiental. Do ponto de vista da governança nacional a questão mais crítica é a corrupção. O autor acrescenta “Tecnologia se tem. Dinheiro também. Faltam homens e mulheres probas na gestão pública” (p. 160). Mas ele aponta a baixa qualidade da educação e a destruição socioambiental como fatores de fragilidade da governança ambiental brasileira.

Na Parte II, o autor chama atenção para os problemas sociais causados pela “desgovernança”. O autor cita dezenas de casos de descaso político e desgovernança.

Os problemas originados pela degradação ambiental e mudança climática são consequências diretas do modelo centrado no consumismo. Logo, há necessidade de mudar esta condição de “sociedade do crescimento” para uma “sociedade da sustentabilidade”. O autor apresenta uma lista de ações que deveriam ser guiadas apenas pela nossa consciência. Mas, por diversas questões, dentre elas culturais, as pessoas não podem ou não querem mudar.

Dias cita dois importantes eventos que buscaram reunir pessoas de várias partes do mundo para apresentar, discutir, refletir e formar redes de cooperação sobre a temática dos incêndios florestais e mudanças climáticas: a) o International Seminar on Climate Change and Na-

tural Resources Management (2011), ocorrido nos EUA, organizado pelo US Forest Service. No evento foram abordados três temas (impactos da mudança climática, adaptação e mitigação da mudança climática, e estratégias comunitárias e institucionais para enfrentar a mudança climática); b) I Curso Internacional sobre Mudanças Climáticas Globais, Queimadas e Incêndios Florestais (2011), ocorrido no Brasil. Neste último foram abordados temas ligados à adaptação e à mitigação, à gestão de conflitos e à elaboração de planos de ação baseado na construção de plataformas de análise sistêmica.

Nos relatos apresentados pelos 42 países envolvidos nos dois eventos, ficou evidente que a maioria dos problemas se deve à fragilidade de governança. Para o autor, os dois maiores desafios são de fundo moral e de fundo cognitivo-perceptivo.

Dias finaliza afirmando que há dois erros da percepção humana: a) achar que se pode causar danos à Terra sem prejudicar as pessoas – erro que nasceu com base na crença de que os seres humanos são independentes, desconectados e absolutos; b) a dessacralização da natureza - trata-se aqui da não celebração a vida, da falta de sentimento de gratidão. Neste sentido, deve haver uma sensibilização da sociedade para ampliar a sua percepção e internalizar as novas práticas, decisões, hábitos e atitudes.

O autor apresenta algumas “litações” com o resumo “da opera” e enumerações de rumos possíveis, à luz do exemplo de Seul, que conseguiu despoluir um importante rio que corta a cidade. Completa afirmando que, graças à “competência, disciplina, determinação, seriedade e objetividade, entre outros ingredientes da governança operante” (p. 238), o governo de Seul conseguiu tal feito.

Encerra desejando que todas as previsões estejam erradas e “Que o brilho do pensamento e das ações humanas iluminem e formem uma atmosfera de encantamento e enlevo espiritual, capazes de nos transformar em seres melhores do que temos sido” (p. 239).

O autor não se preocupou em cumprir com as formalidades de um texto acadêmico. Na verdade, essa parece ser a sua real intenção. Com uma linguagem acessível (e “maluca”), o livro é claramente uma tentativa, quase desesperada, mas muito convincente, de que existem dados inquestionáveis gerados por cientistas renomados que embasam a preocupação do autor pelo que está por vir.

Genebaldo Dias buscou tornar inteligíveis e palpáveis para leigos os resultados dos inúmeros estudos sobre mudança do clima e a gravidade das suas implicações para todos os seres vivos. O autor procurou compartilhar os seus “desesperos”, como numa tentativa de dividir com os outros as suas próprias angústias, aflições e frustrações sobre o tema. Logo, esse livro é indicado para todas as pessoas que têm interesse em saber mais sobre mudança climática. Pode ser utilizado em disciplinas introdutórias de educação ambiental, devido ao forte tom “sensibilizador”.